ALVORADA

2.º Ano — SEMANÁRIO REPUBLICANO — Número 87

Editor, Dr. Alberto Rodrigues
Redacção e administração Rua da República GUIMARÃES

Redactor principal, A. L. de Carvalho
Propriedade da Emprêsa da ALVORADA
Guimarães, 18 de Julho de 1912

Secretário da redacção, Capitão L. A. Pina Guimarães
Oficinas de composição e impressão Tipografia Minerva Vimaranense R. DE PAIO GALVÃO

Restauração monárquica? Estão doidos! Monarquia portuguêsa, com gente portuguêsa, não volta cá mais. Um rei jamais tornará a assentar-se no trono português. Lembrem-se disto: Se não existisse a fôrça republicana, que é hoje o exército aliado com o povo, existia a fôrça do senso e do raciocínio mais elementar! O país não é de reis que precisa, nem de príncipes. Precisa de dinheiro e de energias; de juizo e de administração; de riqueza e de vontade. Querem compreender assim? Querem ajudar-nos? ¿Ou querem ainda ter a infantilidade de sonhar em novas rebeliões? Vá, decidam-se!...

ASSIM O QUEREM, ASSIM O TENHAM

A dura lição que acabam de receber os desvairados inimigos da Pátria e da República, a quem não convencera o insucesso da aventura de Vinhais, deve te-los persuadido de que as suas infames conspiratas e as suas quichotescas arremetidas se desfazem como bolas de sabão ante a atitude patriótica dos dedicados defensores da independência nacional e do resurgimento do país, brilhantemente manifestada pelo elemento civil e pelo nosso heróico exército, que se tem evidenciado, nêste momento histórico, de uma lialdade só digna de quem sabe compreender nitidamente o seu mais sagrado dever: o da defesa da Pátria.

E essa lição não veio convencê-los sómente da ineficácia das suas tôlas e criminosas veleidades, mas ainda de que o país está identificado com a República, exceptuando, claro está, os seus irreconciliáveis inimigos de todos os tempos, representados pelo falso clero dominador, pela nobreza enfatuada e pelo caciquismo despótico, sob cujas influências o povo ingénuo e ignorante se deixa arrastar, sem compreender que alimenta os cancros que entravam o progresso e esmagam a consciência.

De facto, a corrida em toda a linha dêsses bandos de traidores disseminados pelo país e pela fronteira para uma restauração do renegado regímen dos *adiantamentos*, ou para a sujeição de uma tutela estrangeira, é o melhor plebiscito obtido a distância da urna à mercê ainda dos antigos mandões locais. ¿E que outra coisa significa a indiferença da maioria do país ao apêlo das conspiratas, e o entusiasmo com que são festejados os nossos soldados nas próprias localidades onde mais se salientaram os motins?

E' que o país compreendeu já que para trás é voltar ao passado de baixezas, é descer ao nível de Marrocos ou retroceder aos tenebrosos dias de Torquemada. E' que o país compreendeu já que á tolerância da revolução responderam os traidores com o mais feroz e sanguinário ódio, ameaçando de morte violenta os republicanos em evidência, e de extermínio todos os seus adversários políticos. E' que o país compreendeu já que os traidores são capazes de todas as infâmias, desde o bombardeamento do hospital de Chaves até aos assassinatos de Cabeceiras. E' que o país compreendeu já que os traidores, impotentes para derrubarem as instituições tão festivamente implantadas, preferem a elas o jugo estranho, provocando o desaparecimento da nossa nacionalidade.

Embusteiros e maus, caluniam agora o exército, porque êle se bate heróica e entusiasticamente pela Pátria, e atribuem-lhe, os tartufos, entendimentos com os traidores, tentando assim poluir com a sua ascorosa baba, a classe altiva e nobre que não se deixou ainda bandear com os inimigos dessa Pátria, que sempre jurou acima de tudo defender com valor e brio, como exuberantemente acaba de mais uma vez demonstrar.

A República, cuja generosidade tam mal compreendida tem sido pelos seus inimigos, deve, porisso, ser severa, mas justa, á face das leis da sua defesa, para com esses conspirateiros de todas as castas e feitios, que propositada e continuamente perturbam a ordem no país e acendem a guerra civil, procurando grandes dificuldades ao comércio e à indústria, que tanto necessitam desenvolver-se.

A êles, e só a êles, se deve o desasossêgo do país, a desgraça de muitos lares e o sangue que inutilmente tem corrido — mal que é necessário debelar custe a quem custar, doa a quem doer, porque assim o exigem os supremos interesses duma nacionalidade que quer viver, como deve, integrada na civilisação mundial.

OS "FIEIS,, CORRELIGIONÁRIOS

Nós temos a certeza de que muitos dos que lerem essas palavras que ao alto da página ficam, volver-nos hão, com reparo, que se alguma vez trabalharam, por palavras ou por obras, contra as instituições republicanas, não é isso significação de que desejem o rei ou a monarquia — que importa lá isso?! — mas tam sómente porque a República enveredou por caminhos que não são aqueles que mais convem, segundo uma opinião, que é a sua, aos interesses gerais da colectividade. Podemos acreditar, asseveram-nos, que tanto não conspiram, por palavras ou por obras, contra as instituições republicanas, que até simpatisam com o regímen. E, de passo que isto nos afirmam com ar de bom discernimento, logo estes cavalheiros entram de rufar na caixa forte dos factos que mais lhes desagradam, e que, segundo êles, trouxeram o descontentamento à... família portuguêsa. Sim, não fazem questão de formas de governo, insistem, embora só criassem esta opinião no dia em que a República era um facto real, e ainda — por causa das dúvidas! —naquele em que falhava o plano de traição, operado por o seu chefe Paiva Couceiro.

Percebemo-los muito bem. Conhecemo-los muito melhor.

Aqueles que hoje nos pedem uma república à moda do Brasil ou da Suissa, são os mesmos que em tempos da propaganda nos atiravam à cara com o exemplo da monarquia inglêsa, — para contraporem à superioridade dos nossos princípios, princípios com que êles agora dizem simpatisar.

Percebemo-los muito bem. Conhecemo-los muito melhor.

Com essa capa de aparente concordância, não teem estes inimigos da República outro fim que não seja impingirem-se-nos como fieis democratas, adeptos fervorosos do progresso e da luz, não passando, em boa verdade, de adversários comuns — que dizemos?! — de adversários ousados, pois é evidente que o que êstes cavalheiros querem com as suas *habilidades de cálculo*, é oferecerem-se como pessoas que sabem distinguir, presupondo-se, por isso mesmo, de espiritos superiores.

Percebemo-los muito bem. Conhecemo-los muito melhor.

E' ver-se como este inimigo viscoso se aproveita do desgosto de Bruno, do retraimento de Basílio, da renúncia de Silva Cunha, das fases de António José, dos remoques de Machado dos Santos, de tudo, enfim, quanto na pugna apaixonada e, por vezes, infeliz dos nossos correligionários se fere; é vêr como este inimigo ardiloso anda à babuge de tudo quanto, partindo de cá, lhe serve à maravilha para os seus intúitos de simulado ataque.

Todavia, — Oh! não duvidem! — êles são, a despeito de estarem sempre velhacamente contra nós, criaturas que muito simpatisam com o regímen; ¡a República jamais a combaterão! ¡E arrematam gloriosamente, os tartufos: — Sómente em Portugal não se póde ser republicano!

Isto é assim em frente de nós. Entre irmãos na traição e na vileza dos intuitos, a sua linguagem despe-se do embuste e, —ó pai da vida!—caem então a fundo contra tudo e contra todos.

Percebemo-los muito bem. Conhecemo-los muito melhor.

¡Se alguma vez—êle há tantos por aí! — vos defrontardes com algum ou alguns dêsses cavalheiros, reparai como êles vos misturam homens com princípios, responsabilidades isoladas com afinidades de partidos, fazendo dessa amálgama um bloco cerrado onde, na fúria do ataque, muitas vezes até deixando transparecer o seu ódio, se descobrem, clamando:—Antes a monarquia! antes o rei!

A despeito dêste desabafo de consciência, não deixem, contudo, de os tomar a sério, quando êles, numa composta fisionomia, nos repetirem enfaticamente que tanto sentem uma *certa aquela* por o regímen que até lêem jornais republicanos aqueles, por exemplo, que dizem coisas contra essa grande figura da República, que se chama — Afonso Costa.

Mas nós percebemo-los muito bem. Nós conhecemo-los muito melhor.

Notas e Factos

Pst, ó doutor?

Oiça: Sabemos que na altura em que passava, aí no Toural, o regimento de infantaria 5, o dr. se teve de refugiar num estabelecimento de panos, por se obstinar a descobrir-se à bandeira portuguêsa que se levantava altaneira e bela a meio da fôrça. Ao nosso conhecimento chegou também que da parte do povo, não doutorado, lhe foram dirigidas vaias e epítetos. sem que conseguissem demovê-lo ou convencê-lo a descobrir-se à bandeira, que é o símbolo da Pátria.

¿Ora, se não somos indiscretos, diz-nos a causa oculta porque se não descobriu, porque se não desbarretou? A não ser que nos diga que é cidadão cosmopolita e que, como tal, tem por Pátria o mundo... Mas não. O dr. não é não tem tendência para seguiro, cosmopolitismo. A rasão porque não tirou o seu chapeu à bandeira da Pátria consiste simplesmente no facto de o dr. não ter estudado educação cívica, ignorar este ensinamento que vem a páginas 205 do *Manual Político do Cidadão Português*, de Trindade Coelho, criatura que não

era republicana. Leia dr.:—«Sendo a bandeira o símbolo ou sinal representativo da Pátria, é dever de todo o bom cidadão descobrir-se diante dela, *sobretudo quando acompanha a fôrça armada*».

¡Já vê, dr., que o povo teve razão chamando-lhe... bruto!

*

Deus... está comnôsco!

O cometimento víl dos traidores da Pátria, a que outros chamam *a causa de Deus*, ninguêm ignora, mesmo com «notícias incompletas», que é causa perdida. E agora a gente raciocina... com este poder da rasão que Deus nos deu, ¿como é que o todo Poderoso, aquele que tudo pode e tudo prevê, a si mesmo se infringe uma derrota? ¿Dar-se há o caso que não seja êsse cometimento uma *causa de Deus*, como nos dizem? Não pode ser, pois é evidente que tudo — menos a derrota! — indica que é uma *causa de Deus*. Ora vejam:

¿Sabem o que dizia a espada do... soldado de Deus, D. João de Almeida? ¡«S. Miguel te desembainhe»! ¿Sabem qual era o canto de guerra dos demais soldados de Deus?

¡*«Queremos Deus que é nosso Rei. Queremos Deus que é nosso Pai!»*

¿Sabem qual é o seu escudo? ¡A rosêta do Coração de Jesus! ¿Depois, não é verdade que são os padres que agitam, que comandam, que vão à frente... na fuga? Evidentemente tudo indica que a causa é de Deus... mas dum Deus falsificado.

¡O outro, o Deus da Justiça, o Deus da Verdade, o Deus do Direito, esse está comnosco! E' muito nosso!

*

Contrastes

Enquanto os povos de Odivelas, Loures, Fanhões e Bucelas expulsam das suas terras, sem lhes tocarem, até às portas de Lisboa, os reaccionários párocos das respectivas freguesias, a gente de S. Torquato tem consentido a permanência ali do seu abade, cujas proesas, já do domínio público, são uma afronta permanente e um perigo para a honra dos lares.

Atrazo, mêdo ou quê?

*

A causa?

Há quem saliente por aí um ou outro facto isolado como sintoma duma *demagogia infame e desordenada*. Em antes de apreciar, digamos: situações anormais justificam procedimentos igualmente anormais. Não é isto, todavia, que queremos oferecer à consideração dos que protestam contra a tal *demagogia infrene e desordenada*... ¡¿O que queremos pôr em relevo é se tem direito a censurar, a verberar, a protestar, em suma, quem outra coisa não fez que não fosse contribuir para este estado anormal?!

Se êsses senhores metessem a mão na consciência... e a lingua no saco!...

*

Episódio jornalístico

Quando a *República* fazia a defesa duma proposta de amnistia, apresentada no congresso pelo sr. dr. António José de Almeida, o *Dia* ripostou do alto das suas colunas que era tarde, que ninguêm aceitaria o favor da amnistia. Dá-se o malôgro da incursão, e o *Dia*, bom amigo da corja couceirista, clama para os vencidos piedade, perdão, clemência. A *República*, que se não tinha esquecido da atitude anterior do mesmo jornal, diz-lhe por sua vez também:

«Devagar, devagar! ¡Agora dizemos nós que é cedo!»

E o *Dia*... *ficou negro* como a noite.

*

Sujando...

A corja de salteadores, que há dias foi corrida da fronteira, destruia e saqueava os logarejos por onde passava, violentava as mulheres e espancava os pastores a quem roubava o gado; e de Orense foi enviado um protesto a Canalejas por factos semelhantes, naquela província praticados pela mesma malta.

Para criaturas de Deus, que trazem bentinhos e rosários ao peito, de mistura com punhais, perfumarias ricas e objectos de uso secreto, não era de esperar outra coisa para quem os conhece ha muito... de ginjeira.

Apetece, em face das sucessivas derrotas desses salafrários e seráficas alminhas, de quem mais uma vez nos livramos, exclamar como os mahometanos: «Deus é grande!»

*

... de crocodilo

Em várias gazetas vimos verter lágrimas pungentes pela sorte de um cidadão que foi morto num motim popular, na capital. Ficam esses sentimentos muito bem a qualquer pessoa, mas só quando essa pessoa—o que não se dá com essas várias gazetas! — ignore da sorte de outros cidadãos, *¡mortos em bem mais criminosas circunstâncias!*

Por exemplo:

—¿Porque não *lamentaram* a desgraça desse guarda fiscal que, estando a dormir, quando da outra incursão, foi morto pelo *nobre* D. João de Almeida?

—¿Porque não *lamentaram* a desventura do administrador de Cabeceiras de Basto, morto no seu posto?

—¿Porque não *lamentaram* o desaparecimento do regedor de Abadim, morto traiçoeiramente por um bando de canibais?

—¿Porque não *lamentaram* a cobardíssima morte dada ao major Baltasar de Macedo, quando a cavalo passeava pelas suas propriedades?

Mas, deixando muitos factos desta naturesa sem mensão, queremos, contudo, fechar este rosário com mais uma interrogação:

—¿Porque, por igual, se não com mais revolta ainda, não *lamentaram* que um hospital de sangue, com a bandeira da cruz vermelha içada, fosse alvejado pelos canhonetes dos traidores da Pátria, selvageria, infâmia exprobada por todos os princípios de direito internacional e humanitário?

Sabe-se. Tais gazetas não choram estas vilanias... porque o seu humanismo tem côr política, o que faz pena.

*

Errata

Temos certa aversão a desfazer êrros tipográficos, pela rasão de que teríamos que abrir título permanente, tantas são as vezes que isso sucede em gazetas com jornalistas ex-ofício. Há, porêm, êrros que não devem ficar sem rectificação, tão mal interpretados podem ser. Disse *Rabi* no seu artigo *Elas!*... que *certas* damas simplesmente revelam inclinações para «amores banais, bonecas e figurinos». Pois senhores: em vez de *bonecas*, os tipógrafos compozeram *homens*, o que faz sua diferença, salvo se não estamos noutro êrro maior ainda!...

Da Alemanha chegou lindo sortido de porta-retratos, apanha-migalhas, argolas para guardanapos, caixinhas, carteiras, etc., em fina madeira, já prontos, ou para pirogravar e para entalhe, próprios para amadoras se aperfeiçoarem, podendo-se mandar vir cera para encerar estes trabalhos, verniz e tintas coloridas para os mesmos, acompanhadas de esbôços a côres para modêlo.

Luís de Pina

Rua de Paio Galvão

Uma entrevista na cadeia

Ouvindo comparsas duma conspiração

Prova-se a culpabilidade de Vieira de Castro
Uma alusão vaga contra Freitas e Areias

¿E se fôssemos ouvir o Fortunato de Almeida, o «Lâmpada»? ¿Se foi mercê de declarações dêle que se efectuaram, até hoje, as três prisões, entre nós, de mais ruido? E, depois, sempre nos dará notícias do Machado, o já agora crismado—«Machadinho das medalhas»—êsse moço de cabecinha estreita e ambições largas, que conseguiu ver-se falado e escrito, com proveito e melhor glória, por ter seguido conselhos sugestionadores de velhacoides e rapozões velhos que, quem sabe?, talvez à solta por aí andem fazendo mais estragos, como inimigos que são de todo o progredimento e avanço.

Dispensados os cumprimentos amigos ao carcereiro sr. Guise, correligionário das primeiras investidas republicanas em Guimarães,—surge-nos o «Lâmpada» na sala estreita das recepções. E' um rapagão alto e forte, que agora ganhou tipo saliente com a sua barba em bico, a sua pele tostada, ajudada com a *celebridade* produzida pela sua intervenção nos acontecimentos de 13 de agosto, depois dos quais, fugindo às justiças, se passou para as hostes do bandoleiro máximo Paiva Couceiro.

—¿Quer conversar um pouco comnosco? ¿Diz-nos quem o induziu a alistar-se na chusma da tropa fandanga, e se, logo após os acontecimentos de agosto, seguiu para lá? Interrogamos de entrada.

Resignado como um vencido, vai-nos dizendo, entre muitos pormenores já fora do interêsse público, que foi efectivamente o Vieira de Castro quem, com o auxílio duma subscrição o induziu a ir para Espanha alistar-se, mas isto em Fevereiro, pois de Agosto até essa altura esteve...

—Em sua casa?

—Não senhor. Próximo de Guimarães, em casa dum amigo.

—E depois?

—Depois... principiaram os meus trabalhos! Hora morta da noite, apareci no logar de Roma, ali na estrada, sabe?, onde me esperava um «contrabandista» com quem fui pisando serras e montes, com chuvas e neves, até que cheguei a Banhos de Bande, povoação espanhola.

—E alistou-se? e operou?

—Sim, fiz o que me mandaram, desgraçadamente; mais do tempo sem jorna, sem rancho, sem esperança...

—Correu por aí que V. e o Machado vieram certo dia, ou certa noite, a Guimarães: é verdade?

—Não senhor. O Machado não estava na povoação onde eu fui parar, e onde só estavam vinte e tantos homens dos nossos. Um dia é que, tendo passado para outro logar, o Padre Júlio me falou no Machado, perguntando-me se o conhecia e se queria atravessar a fronteira ajudando-o numas diligências. Disse-lhe que sim, que me ocupassem no que servisse e foi então que eu vi o Machado, num grande abraço, passando eu a ser o seu guarda-costas.

—Prosiga, se não lhe aborrece.

—Depois, desde essa ocasião, fizemos ambos algumas operações, passando armas e sendo portadores de cartas... que não sabia o que diziam, pois que o Machado, contra a minha curiosidade e arrelia, não me comunicava nada lá desses assuntos que êles, os chefes, tramavam.

—¿Não estiveram, então, em Guimarães?

—Não, senhor. Estivemos, em Abril, 3 dias nas Taipas, no Grande Hotel, onde apareceu, em certa ocasião, o Vieira de Castro.

—¿Houve então ali uma reunião? e o que discutiram?

—O Vieira de Castro chamou assim ao lado o Machado, e é que se puzeram a falar baixo. Lá o que disseram não sei. E arrematava, humilhado: — ¡Eu era só o guarda-costas do Machado!

—¿Para onde se dirigiram depois?

—Para Serzedo, onde estivemos em casa do compadre do Padre Júlio, e dali para Cabeceiras, para casa do Padre Domingos, onde já haviamos estado por outra vez. Ali, o Machado, que foi reconhecido pelo administrador, — conhecia-o das touradas — teve de desaparecer. Andamos a monte, quási sem pão nem abrigo... à sorte!...

—¿Quer contar-nos como se deu a sua prisão?

—Conto tudo; quantas vezes já o contei... e contarei, quem sabe? Foi assim: — e levantou-se para explicar com desafôgo. O Machado e eu, ambos guiados por dois homens que conheciam o sítio, avançavamos em direcção a Fafe. Era de noite, e escura que ela era! Nisto, depois de muito caminhar, alguêm desfecha sôbre nós. Estacamos. O Machado brada que não façam fogo, que é escusado, sentindo-me eu de seguida preso pelas costas e mais um dos nossos guias, um sujeito, já de idade. O Machado e o outro, como a noite era escura, *raspou se*. Vi, então, que eram alguns guardas fiscais, e que esperavam ali, por denúncia, a passagem duns contrabandistas.

—¿Com que então a ração não é para quem se talha, hein?

—Eles tambêm disseram que era para quem a merecia.

—¿Como se chamava o logar?

—S. Nicolau, proximo de Vieira.

—¿Foi depois que v. fês, ao administrador de Vieira, declarações que originaram a prisão do Vieira de Castro, Freitas alfaiate e Areias, não é assim?

—Eu conto: Um dia perguntei ao Machado quem era o *comité* local, sim, quem era que em Guimarães levantava o povo, e êle disse-me, de corrida, que era o Vieira de S. Dâmaso, o Freitas, alfaiate, o Areias, um dr.—e aqui lembrou-nos um nome indeciso! — e outros que lhe não podia dizer... porque êle, «Lampada», não tinha a dita de andar no segredo dessas combinações.

— De forma que o Freitas, o Areias ou outro qualquer excepção do Vieira de Castro, não compareceram na reunião das Taipas, nem conhece, nem ouviu quaisquer outras referências aos seus nomes?

—Nada mais sei, a não ser que, além disto que disse, me apreenderam um papel com alguns nomes de pessoas que subscreveram para a minha ida. E arrematando por algumas palavras de encorajamento para a regeneração daquele crime dos seus trinta anos, fechamos a nossa entrevista ao filho do industrial de cortumes com esta interrogação, já á porta da cela:

—E' verdade, esquecia-nos: ¿O Machado que posto tinha na tropa fandanga rialista?

—Era ajudante dum tenente Rebelo, mas não vínhamos, nem êle nem eu, fardados. Eu trazia, quando fui preso, tres espingardas ás costas, as quais me apreenderam com a farda do Machado, que vinha numa trouxa.

—Mas êle mandará fazer outra, não lhe parece? Ao *Galhardo*, por exemplo!...

*

Na mesma ocasião, tambêm ouvimos os prêsos António Carneiro Nunes Guimarães, de Lordêlo, de 22 anos, que, mais do que o «Lâmpada» fês revelações bastante comprometedoras para o aliciador Vieira de Castro, e ainda António Zacarias, de Sande, que diz ter sido convidado para cortar fios pelo seu pároco. No próximo número diremos.

Ecos dos acontecimentos

—Os interrogatórios de todos os prêsos implicados na investida *couceirística* são feitos no gabinete do administrador, e são promotores os srs. Tenente Valdez do estado maior de infantaria e o alferes Matos de infantaria 20.

—Na cadeia, estão detidos além dos que citamos na entrevista, mais 6 de S. Lourenço de Sande e 1 de Lordelo, irmão do Nunes.

—Augusto Areias deve ter sido hoje interrogado de novo, em Braga.

—No domingo, depois do concerto no jardim, e ao tocar da Portuguêsa, organisou-se uma manifestação patriótica, que em vibrantes aclamações percorreram as ruas da cidade.

—O sr. coronel Freitas Barros de infanteria 20 foi nomeado para presidir aos julgamentos que hão-de ter logar em Braga.

O cônsul de Verim avalia as perdas dos *paivantes* em 50 mortos, 100 feridos, 25 prisioneiros e 300 desertores; e entregaram já 250 espingardas, 40: 000 cartuchos e múltiplos artigos de campanha.

—Em Fafe, além da chacina geral projectada para os republicanos, havia o diabólico intuito de simular-se um incêndio, onde seriam liqidados os bombeiros republicanos que ali acudissem, para não terem o trabalho... de os procurar em casa.

—Em Evora, depois de cortadas as linhas férreas e telegráficas, encravadas as peças de artilharia e extraido o fulminante das munições destinadas ao exército, seriam assassinados o comandante da divisão e todos os republicanos em suas próprias casas.

Repugnantes salafrários!

—Só em Torre Vedras há 25 padres prêsos.

Pobres santinhos!

—O general Silva Monteiro, em Braga, teve de engrossar os efectivos enviados para a fronteira, para socegar a anciedade de muitos soldados que pediram os incorporasse.

Valentes rapazes!

—Couceiro está em Ginzo de Limia, como previne para cá o general dos carabineiros espanhois.

Para que? Se o mandassem desde já de presente ao diabo ou o deixassem lá ir buscar...

—A Comissão Administrativa da Câmara, apreciando os acontecimentos de ordem pública, enviou os seguintes telegramas:

Ex.mo Presidente da República — Lisboa.

Comissão Administrativa Câmara Municipal Guimarães em sessão de hoje resolve felicitar na veneranda pessoa de V. Ex.ª a República Portuguêsa por ter podido mostrar em face do odioso ataque dos traidores como está bem consolidada no coração de todos os portuguêses que com tanto entusiasmo e heróicidade a sabem defender.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

*

Ex.mo Presidente Conselho Ministros — Lisboa.

Comissão Administrativa Câmara Municipal Guimarães deliberou na sessão de hoje felicitar Governo da digna presidência, V. Ex.ª por atitude tomada em defesa da Pátria e saudar calorosa, veementemente exército e marinha pelo valor, pela heróicidade pelo entusiasmo com que, rechaçando odiosos traidores, teem coberto de glória a nossa querida República Portuguêsa. Pede esta Comissão que as suas saudações sejam transmitidas às forças em campanha.

O Presidente,
Mariano da Rocha Felgueiras.

A Águia. — Revista mensal de literatura, arte, sciência, filosofia e crítica social.

Sumário do n.º 7 (2.ª série) — julho de 1912:

Literatura. Meus olhos dolorosos — Soneto de TEIXEIRA DE PASCOAES. A Nossa Senhora. Colar de Astros. Quadras Soltas. Uma Carta — ANTÓNIO NORE. A Vila Feia — VILA MOURA. Ternura de Chacal — Soneto de TEÓFILO BRAGA. Versos da Aléluia — Sonetos de AUGUSTO CASIMIRO. Amor de Mulher — CARLOS MALHIRO DIAS. **Arte** — Flôres (Ilustração) JÚLIO COSTA. Um pintor de Aguarelas — CARLOS PARREIRA. Estudo (Ilustração) — MARGARIDA COSTA. O Salão dos Humoristas — VEIGA SIMÕES. Depois da Ceia (Ilustração) — ERNESTO DO CANTO. Vinhetas de CRISTIANO CRUZ. Capa de CORRÊA DIAS. **Sciência** — O Paleolítico em Portugal — VIRGÍLIO CORREIA. **Secção Brasileira** Eça de Queirós — MATEUS DE ALBUQUERQUE. **Revista Bibliográfica.**

Teatro Avenida, de Lisboa

O grande êxito da revista CÓ-CÓ-RÓ-CÓ

Decididamente, a empresa do teatro Avenida, de Lisboa, parece ter o monopólio dos grandes sucessos teatrais, na actualidade. Depois do agrado verdadeiramente excepcional em que foi colhida «A Casta Suzana, aí a temos, de novo, triunfando, com a famosa revista «Có-Có-Ró-Có», de Ernesto Rodrigues, André Brun e Felix Bermudes, música coordenada pelos maestros Assis Pacheco e Del Negro.

O êxito da revista é justificadíssimo; escrita com fina graça, sem escabrosidades, com observação e espírito, é uma das mais afortunadas produções daqueles festejados escritores; a música é um verdadeiro encanto: alegre, fácil, buliçosa, como convêm às produções daquele género, tornou-se rapidamente popular; o desempenho é um primor: José Ricardo, o grande actor, imprime o maior relevo e brilho ao papel de *compadre*, em que tem uma das suas mais brilhantes criações, estando os restantes papeis a cargo de Cremilda de Oliveira, Acácia Reis, Izabel Fragoso, Izabel Ferreira, Almeida Cruz, Santos Melo, Amarante, Jaime Silva e muitos outros, pois o *elenco* actual da companhia do Avenida é dos mais numerosos e importantes que existem nos teatros portuguêses.

Mas isto, que é muito, ainda não é tudo. A empreza do Avenida caprichou em apresentar o «Có-Có-Ró-Có», com a maior riqueza, brilhantismo e bom gosto. O scenário é um verdadeiro deslumbramento, principalmente o do final do 2.º acto, alusivo à implantação da República na China, que é do mais surpreendente efeito.

O guarda-roupa é outra maravilha de aprimorado bom gosto e elegância.

Ora com todas estas atracções não admira que, no teatro Avenida, de Lisboa, as enchentes sejam constantes. E que hão de prolongar-se, bem se está demonstrando no interêsse em que o público acolhe as representações do «Có-Có-Ró-Có», e que augmenta de noite para noite.

RESTAURANTE DA TROFA
(Antigo RESTAURANTE RODRIGUES)

José Vaz de Araujo, (o José DA PALAVRA) tem a honra de convidar os seus ex.mos freguezes e amigos a visitarem o seu restaurante, onde encontrarão serviço muito esmerado e preços módicos.

Não confundir com outro, porque é o segundo contando de cima.

A imprensa no tribunal

Uma maioria de incompetentes e imbecis, julgando!

Foi ontem, como em nosso último número noticiamos, o julgamento do autor dumas cartas insertas no n.º 55 e seguintes da *Alvorada*, na qual se faziam acusações graves ao sub-chefe dos impostos do Estado neste concelho, o sr. Narciso Escobar.

Presidiu à audiência o sr. juiz Pinto de Rezende, delegado o sr. dr. Miguel Tóbin e por parte da defesa o advogado dr. Eduardo de Almeida, deputado pelo círculo. Lidas as peças do processo e mais documentos juntos, procedeu-se ao interrogatório das testemunhas de defesa, um grupo de comerciantes e vendeiros.

Seguidamente vieram as de acusação, entrando-se por fim nos discursos. O delegado fês uma síntese do processo, terminando por afirmar que, à vista das provas aduzidas, o funcionário argüido sr. Narciso Escobar **lesou o Estado,** embora lhe quizesse parecer que não houve má fé.

O advogado, usando da palavra, desenvolve e mostra com eloquente e iniludíveis provas a culpabilidade do funcionário respectivo, demonstrando com dados fornecidos pela Fazenda e Câmara, que o Estado tem sido **lesado em mais de 10 contos de réis!**

Findo o seu admirável discurso, onde (embora só há dois dias tomasse conta da questão) se revelára bem integrado, foi pelo meretissimo juiz apresentado o seguinte e único quesito:

*¿O sr. Manoel da Silva Leite, comerciante, casado, morador no lugar da Corredoura, S. Torquato, provou a verdade dos factos imputados contra Narciso Escobar da Costa Araujo, sub-chefe fiscal dos impostos, encarregado da fiscalisação neste concelho, na local epigrafada—**Com vista ao sr. Ministro das Finanças**—publicada no número 55 do jornal «Alvorada», que se publica nesta cidade, de que é acusado pelo Ministério Público?*

Fazendo entrega deste quesito ao júri, s. ex.ª fez-lhe ver o aspecto da questão, significando-lhe que se denunciava não ser o funcionário escrupuloso, pois parecia dispensar um certo «compadrio» em detrimento dos interesses do Estado.

Que resolvessem, portanto, em nome das suas consciências.

Dito isto, reunem os cidadãos que, em nome da sociedade, vão julgar à face da lei reguladora da expressão do pensamento pela imprensa.

Uma hora testa demorára a solução, surgindo, por fim, o parto laborioso, — obra duma maioria, que, em suas consciências (?) afirmáram não ter o réu provado a acusação.

Analisemos:

O processo era, desde o despacho do sub-delegado, então em exercício, uma peça imperfeita; incompleta tivera de ser defeza pois, como já em princípio dissemos, o ilustre advogado foi há dois dias que tomára conta da causa, não tendo por isso formulado a sua contestação ao libelo acusatório. A despeito destas lacunas, faz-se, contudo, em julgamento, prova jurídica suficiente... tão suficiente que o meretíssimo juiz e delegado não se poderam furtar à lialdade, à franqueza, à justiça—este é o termo!—de insinuar a falta de zêlo, a ausência de escrúpulo do funcionário sr. Narciso Escobar Araujo.

¿ O que guiou, por tanto, o critério do júri? A sua consciência? Não, evidentemente. Obedecêram a simpatias ou antipatias... inclinações essas que é dever e obrigação deixar ficar em casa.

O advogado de defesa apelou da sentença.

Horário dos combóios

(Rectificado)

PARTIDAS

Para a Trofa

5,15—**Diário.** Liga, 1 hora depois, com o Pôrto, Minho e Douro, por Ermezinde (P. 8,27) e Póvoa; para o Sul, de Campanhã, ás 8, 48.
8,16—**Dias úteis—Rápido.** Liga com o Pôrto (C. 10, 30), Braga e Valença (P. 8, 45); para o sul (oeste), de Campanhã, ás 11,40.
10,49—**Idem.** Liga com o Pôrto (C. 13,26).
13,29—**Diário.** Liga, 1 h. depois, com o Pôrto (C. 16,43) e Douro, por Ermezinde (P. 17,12); com Valença, Braga e Póvoa (P. 14,21).
16, 41—**Idem.—Correio.** Liga com o Pôrto (C. 19,28); e Douro por Ermezinde, (P. 18,48); com Valença e Braga (P. 18,59); com o Sul, de Campanhã, ás 20,25.
20,08—**Dias úteis.** Liga com o Pôrto (C. 23,10).
21,30—**Domingos, feriados e dias santificados.** Liga com o Pôrto (C. 23, 57).

Para Fafe

9 e 22,11—**Dias úteis.**
11,34—**Correio,** e 17,54—**Diários.**
10,11 e 21,36—**Dom., fériados e dias santificados.**

CHEGADAS

Da Trofa

8,52—**Dias úteis.** Liga com o Pôrto (P. 5,33).
9,44—**Idem.** Liga com Valença, Braga e Póvoa (P. 5,33)
10,06—**Domingos, feriados e dias santificados.** Liga com o Minho (P. 7,44) (C. 8, 57).
11 27—**Diário.—Correio.** Liga com o Minho (P. 8,45) (C. 10,30).
17'46—**Idem.** Liga com o Minho (P. 14,21) (C. 16,43).
18,51—**Dias úteis.—Rápido.** Liga com o Pôrto (P. 16,50).
21,29—**Domingos, fer. e dias santif.** } Ligam com o Minho (P. 18,59) (C. 19,28).
22,02—**Dias uteis.** }

De Fafe

5,07, 13,21 e 16,31—**Correio. Diários,** que partem de Fafe ás 4,13, 12,28 e 15,35.
20,03—**Dias uteis,** que parte de Fafe ás 19,10.
21,19—**Dom., fer. e dias santif.,** que parte de Fafe ás 20,23.

Apeadeiros

Exceptuando os rápidos, há paragens de 1 minuto em Espinho, Madalena e Covas; e não pára em Espinho o combóio que chega ás 21,29.

Na linha de Fafe há paragens na Penha e Cepães, e só em Cepães, na ida, aos domingos, o combóio das 10,11; e na Arcela, aos sábados, há também paragem pelos combóios das 17,54 (ida) e 20,03 (chegada).

INDICAÇÕES:—Os combóios sem designação são mixtos. As horas entre parêntesis, precedidas de P. e C., designam as partidas do Pôrto e as chegadas ao Pôrto. As partidas de Vizela para Guimarães antecedem proximamente 20 minu- a hora de chegada a Guimarães.

A RASÃO DUM PADRE

Apólogo é um vasto império, governado por um monarca, cuja conduta é de molde a confundir os vassalos.

Quer ser conhecido, querido, respeitado e obedecido, mas não se mostra nunca, conspirando tudo para tornar incertas as noções que a seu respeito se poderiam estabelecer.

Os povos, submetidos ao seu poder, não teem, sobre o caracter e leis do seu invisivel soberano, senão as ideias que os seus ministros lhes dão, e a estes convêm muito que os homens não tenham ideia alguma do seu senhor, que sejam impenetráveis os seus caminhos e inteiramente incompreensíveis os seus atributos e desígnios.

Alêm de que, os seus ministros não se acham absolutamente de acôrdo entre si sobre as ordens que consideram emanadas do soberano, de quem aliás se dizem órgãos. Em cada provincia prégam dum modo diverso; descreem uns dos outros, tratam-se reciprocamente de impostores e falsários; são obscuros os éditos e ordenanças que promulgam, enigmáticos para que possam ser devidamente compreendidos ou adivinhados pelos indivíduos para quem são destinados.

As leis do monarca invisivel carecem de intérpretes, mas os que as explicam estão sempre em controvérsia entre si sobre o verdadeiro modo de as entender.

Mais ainda: Estão até em desacôrdo com êles próprios, porque tudo quanto referem sobre o seu princípio oculto, não passa dum tecido de contradições; não avançam uma palavra que se não encontre imediatamente desmentida.

Afirmam que êle é soberanamente bom, e, todavia, não há ninguêm que se não lamente dos seus decretos.

Dizem-no infinitamente sábio, e na sua administração tudo parece contrariar a boa rasão.

Louvam a sua justiça, e os seus melhores vassálos são de ordinário os menores favorecidos.

Asseguram que tudo vê e prevê, e a sua presença nada remedeia.

Dizem que é amigo da ordem, e tudo nos seus Estados se encontra em desordem e confusão.

Tudo sucede por sua livre vontade, e os factos raras vezes correspondem aos seus projectos.

Tudo prevê, mas nada previne.

Impacientemente sofre que o ofendam, e todavia coloca todos em condições de o ofenderem.

Admiram a sua sabedoria, a perfeição das suas obras, cheias, todavia, de imperfeições e de efémera duração.

Continuamente ocupado em fazer e desfazer, em reparar o que fez, e sem nunca ficar satisfeito com a sua obra, em todas as emprêsas, quer a sua glória, mas não consegue ser glorificado.

Não trabalha senão para o bem dos seus vassalos, e a estes, na sua maior parte, falta-lhes o necessário; e aqueles que mais parece favorecer, são de ordinário os menos satisfeitos com a sua sorte. Quasi todos se encontram constantemente queixosos do seu senhor, de quem aliás não cessam de admirar a grandeza, de louvar a sabedoria, de adorar a bondade, de temer a justiça, e de reverenciar as ordens, que todavia não seguem.

Este império é o mundo; o seu monarca, Deus; os seus ministros, os padres; e os seus vassalos, os homens.

As "Gualterianas,,

Acabamos de ver o cartaz das Festas da Cidade.

Como sempre sucede, por mais que se recomende, vem muito estropiado no desenho e no colorido, sendo até para estranhar que lhe não trocassem as mãos, como já vimos num cartaz de S. Torquato.

Que diabo! Quando um artista não tem arte para ampliar com fidelidade, use ao menos um pontógrafo ou outro processo conhecido, e não se ponha a fantasiar coisas de casa, por que cai no exagêro,... borra a pintura e compromete o autor do original.

Descanço nas farmácias

No próximo domingo encontra-se aberta a farmácia Alves Mendes.

Arrematação

(1.ª Publicação)

No dia 28 do corrente mês de Julho, às 11 horas, à porta do Tribunal judicial desta comarca, sito na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, é posto em praça, para ser entregue a quem mais oferecer acima da avaliação, o seguinte prédio:

Uma morada de casas de um andar, com quintal e mais pertenças, situada na rua Ferreira Caldas, freguesia de S. João das Caldas, desta comarca, com os n.os 11 e 13 de polícia, e composta pelos prédios que na Conservatória desta comarca se acham descritos sob os n.os 12:210, 22:593 e 23:511, confrontando de norte com a rua de sua situação, de sul com prédio de António Alves Teixeira, de noroeste com prédio de D. Maria José Félix Gomes e de poente com prédio de A'ngelo Ferreira Monteiro, avaliada em 2:800$000 réis.

Procede-se a esta arrematação na execução hipotecária que Rita da Cunha, viuva, e sua filha Olívia da Cunha, da povoação de Vizela, desta comarca, moveu contra Manoel da Costa e seus filhos, da mesma povoação.

Ficam pelo presente citados quaisquer crédores incertos dos executados.

Guimarães, 6 de Julho de 1912.

O escrivão do 6.º ofício,
João Joaquim de Oliveira Bastos.

Verifiquei.
P. de Rezende.

A PRODUTORA VIMARANENSE

Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil — Responsabilidade Limitada

Rua 31 de Janeiro—**GUIMARÃES**

Esta sociedade operária, encarrega-se da execução de qualquer trabalho concernente às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõi de pessoal habilitadissimo, como o provam diversos trabalhos já executados, dos quais, alem da seriedade em que são executados, resulta grande economia para os Snr. proprietários das obras, atendendo às vantagens que gosam as Sociedades Cooperativas,

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a **preços módicos.**

PADARIA

—DE—

Joaquim de Sousa Neves

Especialidade em BIJOU, e pão de milho

Rua da Liberdade (à Cruz de Pedra)

GUIMARÃES

Ao Chic da Moda

DE

Camillo Alves de Almeida

12, P. D. Afonso Henriques, 13 (Antigo Toural)

GUIMARÃES

Modas, fazendas brancas e miudezas. Especialidade em panos brancos, rendas e bordados para enxovaes. Chá preto e verde.

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão

78, Rua da Republica, 80

(ANTIGA RUA DA RAINHA)

GUIMARÃES

Papeis pintados para forrar casas

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, oleos, tintas, vernizes, vidros, cera em vellas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo

Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios

DEPOSITO DE MALAS

VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

Abilio d'Almeida Coutinho

113, Rua da Republica, 115

Solicitador encartado Guimarães

Tem sempre capitais para colocar sobre hipotecas ou letras.

Compra e venda de papeis de credito, mediante uma diminuta precentagem sobre as cotações da Bolsa do Porto.

Compra e venda de predios urbanos e rusticos, para o que ha sempre pretendentes. Transacções sobre direitos e heranças.

Sobre todas estas operações, de que está encarregado, **guarda-se segredo profissional,** tratando-se somente com os interessados.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha	40 rs
Semestre	600 „	Repetição, por linha	20 „
Brazil, anno (moeda forte)	2$500 „	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso	20 „	Annuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA *Ao Cidadão*